

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E CONTEXTO SOCIAL: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação inclusiva e contexto social [recurso eletrônico] : questões contemporâneas / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação Inclusiva e Contexto Social. Questões Contemporâneas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-431-3 DOI 10.22533/at.ed.313192506 1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.81
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO VOL. 1

O livro “Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas” foi dividido nos Volumes 1 e 2, totalizando 56 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo de organizar esta coleção foi o de divulgar relatos e pesquisas que apresentassem e discutissem caminhos para uma educação inclusiva permeando contextos sociais distintos.

Neste Volume 1 “A educação inclusiva e os contextos escolares”, foram reunidos 26 artigos que apresentam discussões partindo da formação de professores à aplicação de políticas públicas voltadas para a educação inclusiva, não somente da inclusão dos sujeitos com algum grau de deficiência física ou mental, mas também, a partir da inclusão, por exemplo, por meio da pedagogia hospitalar, do jovem e adulto e dos “superdotados”.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de três temáticas principais. São elas: “Deficiência intelectual e inclusão educacional”, “Cegos, surdos e vivências no ambiente escolar” e “Diversidade da educação inclusiva”. Esta coleção é um convite à leitura, pesquisa e a troca de experiências.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas”, com a intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar com o diálogo acadêmico na direção de uma educação cada vez mais inclusiva.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CONTRIBUIÇÕES DA TECNOLOGIA ASSISTIVA	
Paulo Roberto Silva Sheila Venancia da Silva Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.3131925061	
CAPÍTULO 2	11
A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO E A EDUCAÇÃO: ANÁLISE INSTITUCIONAL A PARTIR DA ARQUITETURA DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Paulo Emílio Gomes Nobre Adriano de Souza Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3131925062	
CAPÍTULO 3	15
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO AEE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ANDRADINA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Izabel de Lourdes Gimenez Souza	
DOI 10.22533/at.ed.3131925063	
CAPÍTULO 4	28
ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LDB	
Ângela Martins de Castro Daniel de Oliveira Perdigão Mariana Lima Vecchio	
DOI 10.22533/at.ed.3131925064	
CAPÍTULO 5	34
APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS NO CONTEXTO ESCOLAR A PARTIR DE SITUAÇÕES PROBLEMA: UM ESTUDO DE CASO	
Janete Aparecida Guidi Viviane Gislaine Caetano Auada Elsa Midori Shimazaki Rozana Salvaterra Izidio	
DOI 10.22533/at.ed.3131925065	
CAPÍTULO 6	48
CAPACITAÇÕES DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NO ENSINO DE CRIANÇAS ESPECIAIS NA REDE REGULAR DE ENSINO: SUBSÍDIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Grazielle Carolina de Almeida Marcolin Luana Taik Cardozo Tavares Alan Rodrigues de Souza Kíssia Kene Salatiel Meiry Aparecida Oliveira Vieira Lucilene Cristiane Silva Fernandes Reis Érica Gonçalves Campos Débora Paula Ferreira Jéssica Aparecida Rodrigues Santos Rozangela Pinto da Rocha Camila Neiva de Moura	

DOI 10.22533/at.ed.3131925066

CAPÍTULO 7 54

CONHECIMENTO PRÉVIO COMO MATÉRIA PRIMA PARA O APRENDIZADO: TEORIA DE DAVID AUSUBEL SOB O OLHAR DE MARCO ANTÔNIO MOREIRA

[André Luiz Borges da Silva](#)

[Thaís Ayres da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.3131925067

CAPÍTULO 8 61

CONTRIBUIÇÕES DA TUTORIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL/INCLUSIVA

[Aline Soares Guimarães](#)

[Angélica Marinna Cardoso Mota](#)

[Camila Alves Lima Gomes](#)

[Sinara Pollom Zardo](#)

DOI 10.22533/at.ed.3131925068

CAPÍTULO 9 76

CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE SAÚDE: PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

[Caroline Thaís Both](#)

[Andressa da Silveira](#)

[Cristina Numer](#)

[Neila Santini de Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.3131925069

CAPÍTULO 10 88

DIFICULDADES DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE ADOLESCENTES COM CÂNCER NA EDUCAÇÃO BÁSICA

[Cristina Bressaglia Lucon](#)

DOI 10.22533/at.ed.31319250610

CAPÍTULO 11 99

EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA NA AMAZÔNIA AMAPAENSE: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NO CONTEXTO DA ESCOLA DO CAMPO

[Taiana Furtado dos Anjos](#)

[Allan Rocha Damasceno](#)

[Pedro Clei Sanches Macedo](#)

DOI 10.22533/at.ed.31319250611

CAPÍTULO 12 111

EDUCAÇÃO INTEGRAL E AS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO DOS SUJEITOS APRENDENTES

[Gleiciane Álice Oliveira de Carvalho](#)

[Andrezza Belota Lopes Machado](#)

DOI 10.22533/at.ed.31319250612

CAPÍTULO 13 124

JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA EM INSTITUIÇÕES ESPECIALIZADAS: QUESTÕES DA VIDA ADULTA

[Thais da Silva Oliveira](#)

[Gabriela Brutti Lehnhart](#)

Sabrina Fernandes de Castro
DOI 10.22533/at.ed.31319250613

CAPÍTULO 14 136

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM GRUPO NA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Solange Regina Alves André

DOI 10.22533/at.ed.31319250614

CAPÍTULO 15 146

O CONTEXTO DAS DIFERENÇAS: CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Cheila Dionísio de Mello

DOI 10.22533/at.ed.31319250615

CAPÍTULO 16 157

O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA ÓTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

Marcus Edson Carilo de Mello Vieira

Tâmara Gabriella de Souza Cardoso

Joslei Viana de Souza

DOI 10.22533/at.ed.31319250616

CAPÍTULO 17 164

O TRABALHO INTERDISCIPLINAR COMO POTENCIALIZADOR DE APRENDIZAGENS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Fabiana Neves Bertolin

Edí Marise Barni

DOI 10.22533/at.ed.31319250617

CAPÍTULO 18 175

OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR

Karolini Galimberti Pattuzzo Breciane

Isabel Matos Nunes

DOI 10.22533/at.ed.31319250618

CAPÍTULO 19 189

OS PARQUES INFANTIS: ANÁLISE LEXICAL DE TEXTOS SOBRE ESSES ESPAÇOS EDUCACIONAIS INCLUSIVOS

Aline de Novaes Conceição

DOI 10.22533/at.ed.31319250619

CAPÍTULO 20 199

PEDAGOGIA HOSPITALAR E INCLUSÃO: UM DIREITO À EDUCAÇÃO

Maria Elaine Gonçalves de Menezes Pinheiro

Maria Roseane Gonçalves de Menezes

Jocilene Maria da Conceição Silva

DOI 10.22533/at.ed.31319250620

CAPÍTULO 21 208

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE ATITUDES SOCIAIS PARA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: ESTUDO INTRODUTÓRIO

Felipe Rodrigues Martins

Sandra Regina Barbosa
Edicléa Mascarenhas Fernandes
DOI 10.22533/at.ed.31319250621

CAPÍTULO 22 215

PISTOLA: UMA HISTÓRIA INTERDISCIPLINAR, CAMINHOS DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Giovana Toscani Gindri
Nathalia Neresi Pavanelo
Raquel Brondísia Panizzi Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.31319250622

CAPÍTULO 23 227

O PROEJA : POR UMA POLÍTICA PÚBLICA CONTÍNUA

Maria Luzenira Braz
Divina Elecir de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.31319250623

CAPÍTULO 24 237

PROTAGONISMO DO CORPO DISCENTE COMO PRÁTICA INOVADORA E INCLUSIVA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FTESM

Bárbara de Britto Terra Nova Gonçalves
Viviane da Costa Bastos

DOI 10.22533/at.ed.31319250624

CAPÍTULO 25 249

TECNOLOGIA ASSISTIVA: COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NO CONTO E RECONTO DE HISTÓRIA NA ESCOLA

Débora Deliberato
Fernanda Delai Lucas Adurens

DOI 10.22533/at.ed.31319250625

CAPÍTULO 26 260

MODOS DE SER AMOROSO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO SURDO NA SUA RELAÇÃO COM UM OUVINTE: O CASO DA PELÍCULA JAPONESA “HIDAMARI GA KIKOERU” (2017)

DE DAISUKE KAMIJÔ

Rute Léia Augusta da Silva
Hiran Pinel
Vitor Gomes

DOI 10.22533/at.ed.31319250626

SOBRE O ORGANIZADOR..... 275

PISTOLA: UMA HISTÓRIA INTERDISCIPLINAR, CAMINHOS DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Giovana Toscani Gindri

Mestre em Educação pela UFSM, professora de sala de recurso multifuncional da rede estadual do R/S, na Escola Estadual de Ensino Médio Thomás Fortes, docente da URI/ Campus – Santiago. Rio Grande do Sul

Nathalia Neresi Pavanelo

Estudante do curso de Psicologia pela Universidade regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Santiago. Rio Grande do Sul

Raquel Brondísia Panizzi Fernandes

Psicóloga, mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS e docente em Psicologia na Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus Santiago. Santiago. Rio Grande do Sul

RESUMO: A partir da chegada de “Pistola”, um adolescente autista em uma escola da rede estadual do Rio Grande do Sul, forma-se uma equipe multidisciplinar composta por uma educadora especial, uma acadêmica do Curso de Psicologia e dois professores docentes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e da Missões. O objetivo da equipe foi compreender e lidar com os desafios e as singularidades do desenvolvimento deste adolescente, o que foi potencializado através dos saberes de cada área, possibilitando a construção de estratégias de acessibilidade, em conjunto com a escola, que foram além das

legislações da política inclusiva. O foco deste artigo é descrever o relato da experiência da equipe multidisciplinar, ressaltando os desafios para a construção de autonomia do adolescente e a formação das estratégias de inclusão e acolhimento das singularidades por parte da escola.

PALAVRAS-CHAVE: TEA. Acessibilidade. Práticas inclusivas.

ABSTRACT: From the arrival of “Pistola”, an autistic adolescent in a public school of the state of Rio Grande do Sul, a multidisciplinary team was formed by a special educator, a Psychology student and two professors of the Integrated Regional University from Alto Uruguai and Missões. The objective of the team was to understand and deal with the challenges and singularities of the development of this adolescent, which was potentialized through the knowledge of each area, making possible the construction of accessibility strategies, together with the school, that went beyond the legislations of the inclusive policy. The focus of this article is to deregulate the experience of the multidisciplinary team, highlighting the challenges for the construction of autonomy of the adolescent and the formation of the strategies of inclusion and acceptance of the singularities by the school.

KEYWORDS: TEA. Accessibility. Inclusive

practices.

1 | INTRODUÇÃO

Este capítulo se propõe a uma reflexão sobre a trajetória de um menino acompanhado pelos campos da Pedagogia e Psicologia. Em um plano de escrita interdisciplinar, portanto, trata-se de uma produção coletiva onde não há a separação entre saberes, disciplinas. Como uma experiência teórico-prática de valorização ao cuidado, pretendemos a construção de um trabalho que, a partir do “andar junto”, aposta na escuta singular/sensível. Para tanto, iniciamos contando alguns percursos: o de uma Educadora Especial, de uma estagiária de Psicologia e de um menino que disponibiliza sua trajetória de vida, para a aprendizagem de si e dos outros. Deste modo, convidamos você, leitor, a nos acompanhar neste percurso que, diante da escrita coletiva, pretendemos a reinvenção de vida.

Para esse diálogo, apresentamos o início desta trajetória, o caminho de uma Educadora Especial partindo, de seu território. Ser Educadora Especial é um grande desafio a cada ano letivo que iniciamos, faz exatamente 29 anos que realizo o exercício como Educadora Especial em escolas públicas, primeiramente, no ano de 1989, numa pequena cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul, em uma Escola Especial, mantida pela APAE. Acompanhei nesta caminhada, o percurso das políticas públicas implementadas no Brasil, e suas interpretações ao longo de suas práticas, no contexto do estado rio-grandense.

O movimento Apaeano gerou o sentimento de medo do fechamento das escolas especiais, como se não tivesse espaço, para naquele momento, mais uma ressignificação do papel destas instituições no processo de democratização das escolas e da busca de um sistema escolar mais inclusivo. Passei pelo período da integração onde buscávamos escolas da rede pública que aceitassem nossos alunos, sabendo que uma das condições era que estes sujeitos estivessem alfabetizados, pois assim, os gestores compreenderiam que, desta forma, poderiam acompanhar o sistema educacional. Para Mantoan (2003), integração trata-se de uma inserção parcial, em virtude de que o aluno pode transitar de uma esfera para outra, ou seja, pode frequentar ora ensino comum, ora uma escola especial, ora a classe especial. A inclusão escolar, para esta mesma autora, tem a função de questionar a organização da educação especial, bem como o próprio sistema educacional, ela conclama que a escola repense seus paradigmas, busque mudanças no sistema educacional.

Após alguns anos, sou nomeada para a rede estadual do Rio do Grande do Sul e passo a trabalhar em uma Escola Pública da minha cidade, em uma classe especial. Os alunos tinham recreio separado, a merenda em outro horário e continuávamos esquecidas, mesmo integradas na escola comum. Muitos alunos passaram por esta sala, até que no ano de 2001, houve o fechamento da classe especial, como um ajuste

legal, e esta passou a ser sala de recurso multifuncional. Nossos alunos foram incluídos em salas comuns, outros foram para a Educação de Jovens e Adultos, Totalidade 1 e 2.

Neste momento, também, passo a exercer a docência na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, após ter completado o mestrado. Nesta IES, trabalho com a Formação de Professores das Licenciaturas, com a disciplina de Educação Inclusiva I e II, no quinto semestre dos cursos de Pedagogia, Ciências Biológicas, Educação Física e Letras. Neste processo formativo de professora e Educadora Especial, muitos alunos cruzaram nosso caminho, alguns nos marcam muito, pela sua singularidade e pelas escolhas que temos que ir fazendo: exclusão, integração e inclusão. Não são escolhas fáceis diante da busca da garantia dos direitos desses alunos, pois são lutas permanentes frente as barreiras encontradas, sejam elas atitudinais, pragmáticas ou metodológicas.

Estar na academia nos proporciona articular projetos, com os mais variados cursos que venham ao encontro das nossas necessidades, surgidas diante das práticas de alunos, com necessidades educacionais especiais. E assim, se constitui a parceria entre a professora de sala de recurso multifuncional, formadora de professores e o Curso de Psicologia, com o acompanhamento terapêutico, através de uma acadêmica na realização de seu estágio. Essa articulação do 'nós', se faz presente, no encontro entre a Educadora Especial, na professora do Curso de Pedagogia, na acadêmica do curso de Psicologia e na Professora Orientadora do Curso de Psicologia. A Acadêmica de Psicologia começou a compor, parte dessa parceria, através de um estágio extracurricular no sexto semestre da graduação, onde teve seu primeiro contato com a clínica e o acompanhamento terapêutico. A partir de então, vem fazendo um trabalho com a educação especial e uma professora supervisora de estágio.

2 | DESENVOLVIMENTO

A cada ano letivo, começamos a pensar nas estratégias que são necessárias para que possamos, efetivamente, incluir este aluno, respeitando a sua individualidade e assim, no ano de dois mil e onze, acontece a matrícula de um aluno, inicialmente, vindo de casa, após expulsão deste, de uma escola da rede particular, de nosso município. Em contato com a mãe do menino, naquele momento, com onze anos de idade, esta informou que estava afastado da escola em virtude de questões indisciplinares há mais ou menos seis meses, por ordem do neuropediatra.

Assim, se efetivou a matrícula do aluno Pistola¹, que começou a frequentar o sexto (6º) ano do Ensino Fundamental, mas suas dificuldades de permanecer em ambiente fechado, de estarem sala de aula, de aceitar aquela estrutura de ensino,

1 Ao aluno que será descrito neste artigo utilizaremos o nome fictício de Pistola, nome pelo qual se autodenomina.

requeria a necessidade de se pensar uma educação, uma escola que consiga olhar e respeitar a diferença deste aluno. As Diretrizes Nacionais da Educação Especial para a Educação Básica (2001, p. 21), aponta que escola inclusiva exige

uma nova postura da escola comum, que propõe no projeto pedagógico – no currículo, na metodologia de ensino, na avaliação e na atitude dos educadores – ações que favoreçam a interação social e sua opção por práticas heterogêneas. A escola capacita seus professores, prepara-se, organiza -se e adapta -se para oferecer educação de qualidade para todos, inclusive para os educandos que apresentam necessidades especiais. Inclusão, portanto, não significa simplesmente matricular todos os educandos com necessidades educacionais especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor e à escola o suporte necessário à sua ação pedagógica.

Então, aquela estrutura de escola não cabia mais na vida de Pistola, era ponto chave para começarmos a pensar nas estratégias de acessibilidade, para aquele adolescente, que tinha uma marca de fracasso escolar, de experiências negativas nas escolas pela qual passou, precisava ser escutado pelos docentes e pela educadora especial, para então, começar a remover as barreiras que lhe impediam de conviver em uma vida social, ou que lhe criavam sentimentos de angústia e sofrimento frente ao contato com o outro.

Maturana e Varela (1995 apud CARVALHO 2000, p.21) nos faz

refletir na condição humana como uma natureza cuja evolução e realização está no encontro do ser individual com sua natureza última que é o ser social. Portanto, se o desenvolvimento individual depende da interação social, a própria formação, o próprio mundo de significado sem que se existe, é função do viver com os outros. A aceitação do outro é, o fundamento para ser o observador ou autoconsciente possa aceitar-se plenamente a si mesmo.

Compreender a forma com Pistola via e percebia o mundo social que o cercava, naquele momento, era de fundamental importância, já que o contato físico com o outro era muito dolorido, lhe gerava angústia e desencadeava agitação motora. A escola, precisa compreender, que suas práticas de ensino e aprendizagem não poderiam se encerrar nas quatro paredes de sala da sala de aula, atender a diferença, deste aluno, era preciso compreender o que é realmente inclusão. Morin (2001, p. 23) refere-se que o “dever da educação é de amar cada um para o combate vital para a lucidez”; lucidez para entender que o tempo que vivemos é singular, que precisamos compor uma escola que seja capaz de compreender a forma de estar na escola, que este estar, leve o aluno, ao acesso ao conhecimento de uma forma política, antropológica, social e histórica.

Pistola, era um menino, que vivia no mundo dos games, tinha um canal no youtube, sua linguagem era a linguagem do mundo virtual, criava histórias que estavam ligadas ao seu mundo vivido no jogo, seus amigos eram os virtuais, seu repertório variava conforme o que lhe era apresentado, pelos amigos, ou pelo que o jogo lhe oferecia. Não se conectava a Facebook, WhatsApp ou outras tecnologias, que não lhe despertasse o interesse ou lhe proporcionasse um desafio, um objetivo prático. Sua

linguagem era composta por jargões de nomes (palavrões) que compunham os jogos e, estes também, se faziam presentes na sua escrita, em algumas atividades que realizava da escola. Seus repertórios eram variados e marcados por período, ora era o interesse por judô, futebol, Slackline, Parkour; o mesmo interesse se apresentava por determinados jogos, livros, comidas e uma inflexibilidade de aceitar o novo em sua rotina. Outro ponto importante é a memória fotográfica de Pistola, é capaz de persistir horas em um jogo, e memorizando as sequências dos jogos, busca em sua memória o que já havia realizado e, assim, vira o jogo. Em seu repertório de interesses há a busca pela perfeição, seja do movimento, seja na criação de um vídeo, seja no desafio de aprender a tocar violão ou de desenhar, na busca pela ambidestria ou em conhecer determinado assunto, que lhe foi proposto pelos internautas.

Diante de todos esses comportamentos, vem o diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo, aos 16 anos de idade, para Teixeira (2016, p. 16), “o Transtorno do Espectro Autista pode ser definido como um conjunto de condições comportamentais caracterizados por prejuízos no desenvolvimento de habilidades sociais, da comunicação e da cognição da criança”. Para o autor Ferrari o TEA² trata-se

de uma acentuada ausência de contato com a realidade externa, que conduz a uma realidade “extrema solidão autística que ignora e exclui tudo o que vem do exterior para a criança, esta parece não ver os objetos, nem as pessoas e se comporta como se o próximo não estivesse nas formas mais extremas, pode parecer insensível a presença ou ausência dos próprios pais. E muitas vezes captar seu olhar em sua atitude de evitação ativa (FERRARI, 2007, p. 10).

Rotta (2016, p. 32), aponta que na nova versão do DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), troca-se a “tríade pela díade comporta por comportamentos repetitivos e interesses restritos de um lado e déficit sociais e comunicativos de outro, constituindo o transtorno do espectro autista”. Entendemos então que a partir do DSM – 5 o sujeito para ser diagnosticado com TEA, precisa apresentar repertórios restritos o que interfere, qualitativamente, no modo como estabelece suas relações sociais.

Todos esses conceitos, apresentados pelos autores, são importantes, levaram há um esclarecimento científico sobre este transtorno, clarearam que características são imprescindíveis para que defina-se um diagnóstico e busque-se as causas do TEA, no campo teórico e científico, mas não podemos resumir a educação a conceitos médicos, a programas da saúde, porque a educação relaciona-se com pessoas, com sujeitos singulares, com afeto. Morin (2001, p. 51), complementa essa visão, quando entendemos que a educação deve estar voltada para a nossa condição humana

Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos permanece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-

2 TEA – Transtorno do Espectro do Autismo.

nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste 'além' que se tem lugar a plenitude humana.

A educação precisa encontrar o seu “além” para as práticas inclusivas, a racionalidade e o cientificismo deve fazer conhecermos o mundo físico, o teórico, mas não podemos no caso de Pistola, compreender somente o TEA, precisamos ultrapassar o conceitual e enxergar o que não é visto, o humano. Assim, a escola em que Pistola está matriculada, não se encerra nas leis, na sala de aula, no livro didático, no quadro, na chamada, busca nos documentos legais a garantia do seu direito de estar na escola, na forma que lhe possível, e então, iniciamos um atendimento domiciliar, que conforme a Resolução N° 4 que Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (2009) em seu Art. 6º, legaliza o Atendimento Educacional Especializado em ambiente hospitalar ou domiciliar, de forma complementar ou suplementar.

Toda semana, Pistola, recebia uma visita da Educadora Especial e da acompanhante terapêutica. Enquanto Educadora Especial, conversa com os professores das áreas do conhecimento, e desta forma, montamos portfólios que eram realizados pelo aluno em sua casa, e assim se foi construindo os anos do Ensino Fundamental. Quando me lembro, deste percurso, compreendo que inclusão está para além do que se escreve nas leis, inclusão é a capacidade de escutarmos nossos alunos e, a partir desta escuta, ir construído estratégias que favoreçam a aprendizagem. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 (1996, p.119), em seu Art. 59 e a Lei 13.146, seu Art. 74 (2015, p. 36), garante a “pessoa com deficiência acesso a produtos, recursos, estratégias, práticas, processos, métodos e serviços de tecnologia assistiva que maximizem sua autonomia, mobilidade pessoal e qualidade de vida” Quando a referida lei vem com esta garantia, às pessoas com necessidades educacionais especiais, ela deseja que a escola seja capaz de pensar sobre seus alunos, e diante deste olhar reflexivo encontre possibilidades de estratégias que removam as barreiras pedagógicas, pragmáticas, metodológicas que existam, possibilitando um espectro de acessibilidades.

Para Sasaki (2009, p. 2), “a acessibilidade é uma qualidade, uma facilidade que desejamos ver e terem todos os contextos e aspectos da atividade humana”, assim não compreende o acesso aos espaços físicos, vai além, busca partindo de um olhar sistêmico ao sujeito que sejamos capazes de compreender, de que forma podemos possibilitar a sua inclusão, em todas as dimensões da vida humana. Esse autor, apresenta seis dimensões de acessibilidade, sendo estas:

arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, 2 estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência).

Ofertar, a Pistola, a remoção de barreiras metodológicas, através da busca de recursos, estratégias, processos e métodos, implica em tornar a escola acessível ao aluno, partindo da sua escuta, das leis que garantem seus direitos, na remoção das barreiras atitudinais que entravam o processo de inclusão no sistema educacional brasileiro. E, partindo deste olhar inclusivo na escola, sem amarras e com as interlocuções dos serviços que a comunidade possui, Pistola, recebe atendimento domiciliar e visitas de um acompanhante terapêutico.

2.1 A Importância do Olhar Interdisciplinar

Diante de toda a complexidade que envolve o viver e, conseqüentemente, a vida de Pistola, entendeu-se sobre a importância de um trabalho interdisciplinar que, nada mais é do que a interação entre disciplinas, como sinalizam Bispo, Tavares e Tomaz (2014). Revela-se, segundo eles, uma proposta que capacita a lógica fragmentada e desarticulada de agir em saúde.

Gomes (2013), também aborda a temática da interdisciplinariedade, ressaltando a importância, desse trabalho, para que profissionais, além de buscarem um olhar através de suas especialidades, possam interagir entre si, possibilitando uma análise a partir de outras perspectivas. Assim, além do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo olhar pedagógico, aposta-se, também, na composição de olhares interdisciplinares com a psicologia que, junto as demais áreas do conhecimento, colabora à promoção de novos encontros.

Ultrapassando o atendimento-padrão de um psicoterapeuta, com seu paciente, em um consultório fechado e protegido, Pistola, atualmente, é assistido por uma Estagiária de Psicologia que, há cerca de dois anos, desenvolve um cuidado diferenciado. Ao longo de um processo de valorização à vida singular do menino, entendeu-se a necessidade por outro modo de “tratamento”, que transgride às limitações de espaço e tempo, na busca de um processo mais alinhado à necessidade sinalizada por Pistola. Deste modo, por conta de todas as especificidades que envolviam a rotina de Pistola, o atendimento na modalidade de Acompanhamento Terapêutico (AT³), foi o que desde o princípio, até os dias de hoje, usamos para pensar e colocar em prática estes nossos encontros.

Historicamente, uma prática que nasce após a descentralização do modelo hospitalocêntrico da saúde mental, o AT se mostra alinhado à Reforma Psiquiátrica, oportunizando nova modalidade de tratamento não mais sustentada pela lógica dicotômica, entre mundo do terapeuta e mundo do paciente, fortalece, por outro lado, a ideia de um processo que, em composição, valoriza a escuta singular de cada acompanhado.

Com Pistola, esse processo acontecia e acontece, majoritariamente, dentro da

3 AT- abreviatura que será utilizada no corpo do texto para Acompanhamento Terapêutico.

sua casa, por ser o seu casulo, o local onde ele vive e sente todas as suas questões. Um constante movimento de vivenciar o “fora”, mas olhando-o de “dentro”. Aos poucos, Pistola, vai percebendo que o “dentro” e o “fora” não são distintos, sendo apenas uma questão de perspectiva. A partir dessa aproximação foi surgindo, naturalmente, o desejo de explorar outros espaços sempre em um movimento de ir em busca e depois se retrair por um período. A cada movimento em busca de conhecimento, Pistola ia moldando sua visão sobre o mundo, a partir do que vivenciava e isso, por vezes, era frustrante, o que justifica o movimento de se retrair.

O AT é um trabalho, que visa uma lógica antimanicomial, portanto é uma prática que tem como um de seus objetivos que o paciente desfrute de seu tratamento fora de um espaço asilar, fechado, protegido; por isso que há possibilidade, por exemplo, de se transitar por espaços públicos durante os encontros. Segundo Lancetti (2005), o AT pretende uma clínica peripatética, uma clínica que “passeia” ao encontro do ir conversando, de pensamentos/ações/produções que se produzem durante um caminhar, fazendo da rua o setting terapêutico.

Neste processo, compreendido como um dispositivo clínico-político, ou seja, como uma via de transformação política, o acompanhante terapêutico torna-se a referência do sujeito, o que faz a ponte, que media sua relação com seus espaços, buscando produzir singularidades de existência e viabilizando novas formas de existir. Assim, o AT pretende o resgate do sujeito de seu enclausuramento, colaborando ao ressignificado do espaço social, através da experiência urbana, como dispositivo para a terapêutica (VEIGA, 2007). O AT oferece a possibilidade de acompanhar os pacientes, que de algum modo, foram privados do convívio social e, por conta disso, querem retomar sua autonomia para executar atividades cotidianas e o seu exercício político na sociedade. Além de toda esta possibilidade de explorar o que há no “externo”, também, é importante salientar a importância do AT dentro da casa do sujeito acompanhado, estando imerso e fazendo este trabalho, no contexto familiar desta pessoa (CABRAL, 2005).

Com Pistola, a característica e a forma de fazer o AT foram se reconfigurando durante o tempo, houve fases em que nós andávamos pelas ruas, depois os atendimentos aconteciam dentro da sala de jogos, teve momentos que conseguimos até mesmo fazer o AT, explorando o pátio e a estrutura da casa, de uma forma completamente nova, e a cada mudança no espaço físico, também, era possível notar que as questões trazidas por Pistola, também mudavam. Este fenômeno, que sugere um sinal da evolução do paciente, durante o tempo do tratamento.

Logo, em nossos primeiros encontros, fizemos algumas andanças pela cidade e foi possível notar no seu discurso, o quanto a lembrança das vivências na escola estava presente em sua vida. Pistola, relatou diversas consequências, que a privação do convívio escolar lhe trouxe, além da frustração por não se encaixar no modelo de “aluno normal” demandado pela escola responsável pela expulsão. Andar pela cidade, passar em frente a escola que estudou, todas estas ações serviam como uma

intervenção na prática do AT.

Trabalhamos estes conteúdos delicados, sobre a escola, durante um longo período durante nossos encontros na casa de Pistola, ou andando pela cidade, pois nesse tempo, ele não frequenta a escola. Foi, então, que em dado momento, o próprio Pistola anunciou que o “veneno” (como ele denominava o rancor em relação as experiências ruins), finalmente havia sido destilado da sua mente. O garoto estava decidido que era hora de voltar para a escola. O retorno à escola, oferece fortes indícios, da importância que o trabalho interdisciplinar oferece. Além da interlocução entre a educação especial e psicologia, a presença de um profissional de educação física, que oferecia aulas de Pakuor⁴ a Pistola, apresentou-se como uma ferramenta importante ao sentimento de confiança do mesmo. Tratando-se de uma atividade de fomento à ampliação de espaços urbanos, por meio de estratégias de encorajamento, pareceu contribuir a decisão de regresso a escola.

Embora Pistola não tivesse um contato direto com a sala de aula ou com seus colegas, resultado de um distanciamento (físico) da escola e dos jovens de sua idade, percebia-se, no início dos atendimentos, que Pistola tinha desenvolvido uma visão singular sobre as relações humanas, algo que foi significado por ele de forma extremamente criativa e diferenciada. Quando de seu retorno à escola, Pistola, explorava a escola a partir dos golpes de Pakuor. Como um exemplo disso, quando seu primeiro contato com os colegas, durante o recreio no pátio da escola, Pistola fazia atividades recreativas corporais, “estrelas”, até o momento que começou a conversar com as pessoas que passavam por ali, e foi, assim, que aquele ambiente foi se tornando um pouco menos amedrontador. Pistola estava se sentindo mais confiante, pois segundo ele, ir para a escola e praticar Pakuor era a forma que havia encontrado, para amenizar a timidez.

O processo de inclusão estava acontecendo e com um detalhe muito importante, Pistola estava sendo o protagonista da sua inclusão. Não havia uma intervenção externa maior do que o próprio movimento que Pistola estava fazendo, para se sentir pertencente à escola. Não há dúvida, que Pistola, tinha uma forma singular de vivenciar a escola, diferente de muitos alunos, mas isso não deve ser visto pelos educadores como algo a ser concertado, não há necessidade de que Pistola se encaixe em um padrão comportamental. A sua diferença deve ser vista, mas não como um problema e, sim, como algo positivo, pois a escola precisa exercitar esse movimento de soltura desses corpos que nela habitam, proporcionando um ambiente que estimule o que há de criativo e singular nos seus alunos.

A Inclusão Educacional precisa de uma escola acolhedora onde todos sejam vistos na sua singularidade e, que não exista qualquer tipo de discriminação, de

4 O Pakour caracteriza-se como uma atividade de origem européia, de disciplinamento militar, que efetua-se na prática de transpor obstáculos. Amplamente utilizado de modo recreativo, envolve força, agilidade, resistência, precisão, noção de tempo-espaço, equilíbrio e criatividade.

impedimento de acesso ao conhecimento, a convivência, a socialização. Segundo Mantoan (2003, p. 12) para a escola ser inclusiva, ela tem que “garantir a qualidade de ensino educacional para cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”. É necessário que a educação sofra um processo de ressignificação de concepções educacionais e de suas práticas, que os educadores passem a compreender a diferença humana em sua complexidade.

Nestas escolas, desafios foram aparecendo, e o trabalho de acompanhamento terapêutico, também, foi mudando. Nos momentos domiciliares em que a educadora especial lhe atendia, também, resignificava suas práticas, conforme as necessidades que iam surgindo. A Educadora Especial, precisa adentrar em seu mundo virtual, para poder encontrar o Pistola e, assim, ajustar suas estratégias metodológicas.

Outra questão interessante de mencionar aqui é que o AT, também, acontecia e acontece no contexto virtual. Por diversas vezes nossos encontros aconteciam em meio a jogos, durante as edições de vídeos que Pistola estava produzindo, para o seu canal no YouTube, ou situações que envolviam sua vida nas redes sociais. Nesses momentos a AT tinha a oportunidade de acessar uma parte muito importante da vida de Pistola, onde ele havia estruturado sua rede de relações.

Ele havia construído uma rede de relações complexas, que envolviam amigos, namoros, pessoas a qual tinha admiração ou aversão. Buscava reconhecimento, através de suas produções, era influenciado por estas pessoas que admirava, trocava favores quando era necessário e, mesmo não gostando de falar ao celular, quando jogava no seu PlayStation fazia chamadas de voz, para conversar durante o jogo com seu parceiro. Para Lévy (2011), o virtual é um complexo problemático, que acompanha uma situação e que apresenta como objetivo a atualização. O virtual, não é oposto ao real, mas uma constituição deste. Podemos dizer, que o processo de virtualização vai oportunizar tensões para o processo criativo e, que desta dinâmica, tende a se atualizar.

Na compreensão de que a virtualidade provoca a ampliação da variabilidade espacial e temporal, no percurso de Pistola, presencia-se a construção de um campo virtual que se distancia de uma posição previsível/estática. A virtualização fortalece a ampliação da variabilidade de espaço e tempo, o que oportuniza pensarmos que, ao inserir os jogos, o campo virtual nos atendimentos clínicos, nos deparamos com um processo de diferenciação e ampliação dos espaços clínicos, que resultam em uma interrelação com as redes sociais e ampliação de novos modos de se relacionar consigo e com o mundo.

Pistola, não precisava que alguém lhe apresentasse o mundo, mesmo tendo passado praticamente, a vida toda dentro da sua casa, ele não era um leigo no que diz respeito às relações, pois já as estabelecias de múltiplas formas. Com o tempo, conhecendo todas essas questões e ouvindo o que Pistola tinha a dizer, foi possível entender que o seu desejo era apenas ampliar essa rede de relações para o “mundo

real”, como ele denominava a vida fora da internet.

A chegada do Pistola, nestas duas escolas, possibilitou que cada um destes espaços pudessem pensar que a inclusão requer uma educação plural, democrática e transgressora, que a diferença seja tomada, para a construção de uma nova ética escolar, onde as práticas escolares adotadas sejam adequadas as diferenças e contemplem a identidade de cada um. Comprometer-se com a educação inclusiva, permite-nos parafrasear Freire (1996, p. 24):

que quando vivenciamos a autenticidade exigida pela prática de ensinar – aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

Que a inclusão de Pistola, permita que os sistemas educacionais brasileiros encontrem a boniteza da singularidade de cada um destes sujeitos, e, partindo da busca, de um trabalho intersetorial articule a acessibilidade nas suas dimensões paragnática, metodológica, atitudinal, comunicacional e urbanística.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo foi passando ... as práticas sendo discutidas no trabalho interdisciplinar onde forma-se uma tríade entre: o espaço escolar, a academia e o acadêmico. Poder pensar o sentido deste contexto, partindo de Pistola, possibilitou-nos perceber o quanto podemos fazer diferente quando somos desafiados pelo singular.

A boniteza do existir está quando podemos ultrapassar os paradigmas contruídos sobre práticas dogmáticas, nos contextos escolares. Nesta história, Pistola, vai se contruindo e ensinando que a escola pode reinventar-se e buscar novas estratégias, frente aos desafios que lhe são impostos. A escola de Pistola soube ousar, compreender que o tempo de cada sujeito é único e que precisa ser visto sobre o prisma das múltiplas possibilidades de acesso ao saber.

Entendemos, acima de tudo, que a inclusão não se restringe ao espaço escolar, pois faz parte de um movimento constante de olhar para as diferenças como algo positivo, um sinônimo de multiplicidade e invenção de si. Sendo assim, este movimento nos convoca a olhar além do que nos é ofertado, buscando uma contante (auto) análise de nossas práticas e de nosso saber.

Compreendemos a escola, como um emaranhado de relações e subjetividades, que são um reflexo da nossa relação com o mundo, dessa forma, não nos cabe sonhar com um conceito, até mesmo utópico de escola ideal. Acreditamos que a escola precisa ser, justamente um espaço, que permita modificar-se constantemente, como um processo sem fim, uma constante reinvenção de suas práticas e olhares.

Inclusão não se encerra nos dizeres dos livros, das leis, dos artigos, dos pareceres médicos. Incluir passa pela ideia de que primeiro precisamos nos despojar dos dogmas contruídos para olhar o outro – Pistola – e, partindo deste olhar, possamos buscar a

multiplicidade de saberes e de trocas, reinventemos o existir de todos estes sujeitos nos mais diversos espaços. Que tenham a leveza de contruir caminhos, com a escuta destes atores dos processos inclusivos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação e Cultura. MEC/SECADI, 2010.

_____. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 15 de jun. 2018.

_____. **Lei 9394/96**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l9394.htm. Acesso em 15 de jun. 2018.

_____. **Resolução nº 2**. Institui as Diretrizes nacionais da Educação Especial para a Educação Básica. Ministério da Educação e Cultura. MEC/SECADI, 2001.

_____. **Resolução Nº 4/ 2009** - Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

CABRAL, Karól Veiga. **Acompanhamento terapêutico como dispositivo da reforma psiquiátrica: considerações sobre o setting**. Porto Alegre, 2005.

FERRARI, Pierre. **Autismo Infantil, o que é e como tratar**. São Paul: Paulinas, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, A. D. Interdisciplinaridade na contemporaneidade e na educação. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica** / Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 1, n. 1, jul. / dez. 2013.

LANCETTI, Antonio. **Clínica Peripatética**. São Paulo: HUCITEC, 2005.

LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários da Educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

ROTTA, Newra Tellechea (org.). **Neurologia e aprendizagem: abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009. Disponível em: https://accessibilidade.ufg.br/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319. Acesso em 15 de jun 2018.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do autismo**. Rio de Janeiro: Best Seller. 2016.

VEIGA, Károl. A sucessão de casos-acontecimentos como regra fundamental do acompanhamento terapêutico. In: VEIGA, Károl. **Psicose: Aberturas Clínicas**. Porto Alegre, APPOA: Libretos, 2007.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-431-3

